

## Perversão sexual, imagem do corpo e constituição do super-ego

FRANCISCO ALVIM (\*)

O conceito de perversão sexual não é claro e na maioria dos autores aparece mesmo contraditório, controverso ou confuso.

O mecanismo psíquico das perversões nem sempre é valorizado, preferindo muitos autores e até, nalguns pontos, o próprio Freud, falar da estrutura da perversão encarada como sintoma fora do comum «canon» da sexualidade humana. Penso que, como de resto é patente no 1.º dos *Três Ensaios* (sobre as aberrações sexuais) que Freud ainda não estava liberto dos sexologistas da época, Krafft-Ebing ou Havelock-Ellis, e daqui toda uma tentativa de classificação fenomenológica das perversões (aberrações) segundo critérios sintomatológicos definidos. No mesmo texto há três conceitos que me parecem contraditórios.

1.º — A perversão é o negativo da neurose.

Neste pensamento, o sintoma perverso daria lugar a outras formações psíquicas que seriam do domínio da psico-neurose. Como explicar sintomas nitidamente perversos evoluindo quase independentemente da organização neurótica?

2.º — A criança é um perverso polimorfo.

O que, noutros termos, parece indicar que a organização perversa é equivalente à forma infantil da sexualidade.

3.º — Conceito contraditório como os dois anteriores: «São as perversões mais repugnantes que acusam melhor a participação psíquica na transformação da pulsão sexual».

A palavra repugnante implica um juízo moral que eu preferia ler como «as de mais difícil compreensibilidade». É, porém, neste terceiro pensamento que está implícita a grande complexidade do mecanismo formador e constituinte das perversões.

Antes de prosseguir, gostaria de chegar a um consenso sobre a definição da perversão.

O que é, de facto, uma perversão? É um tipo de relações com o outro que não entra nos critérios estatísticos do que se chama «normalidade»?

Não estou de acordo com esta definição, porquanto penso que, se os parceiros em presença obtêm satisfação de maneira diversa da habitualmente consagrada no grupo ou na civilização em que vivem, tal não pode ser considerado perversão. Quer se queira, quer não, o termo está sobrecarregado de ideias normalistas e morali-

(\*) Psicanalista. Membro Didacta da Sociedade Portuguesa de Psicanálise.

zantes. Nestas condições não considero perversões certas formas assumidas de homossexualidade, tanto masculina como feminina, porquanto me parece que a homossexualidade no sentido lato é uma das alternativas da solução edipiana.

Isto quer dizer que, antes do mais, considero a perversão como uma falência completa da organização edipiana.

Num trabalho que fiz em 1961, apresentado no 22.º Congresso de Línguas Românicas, sobre a imagem do corpo e sua importância nas perturbações da identificação, eu tentava fazer uma teoria geral das perversões que me propunha nessa altura já voltar a elaborar: é esta a finalidade desta comunicação de agora.

Comparava eu, então, que o mecanismo era semelhante a certas alterações da imagem corporal, constatáveis em determinadas lesões cerebrais, mas também na histeria clássica, nos fenómenos descritos por Isakover, etc., onde a imagem do corpo de sujeito que é passa a ser objecto não reconhecível como parte de um todo harmónico.

Assemelhava isto a certas formas de fetichismo e de masoquismo erógeno. De qualquer forma, sem querer neste momento alongar-me para não tornar esta comunicação longa e pesada, eu deduzi, no meu trabalho, que a formação perversa estava fora do Eu corporal e funcionava como um objecto parcial (moção pulsional) pertencente topicamente à economia e ao dinamismo do Super-Ego. Teria havido clivagem, como depois muito se tem escrito, entre as funções do Ego e as do Super-Ego, que tratará este como se fora o Id.

Nestas condições, parece-me evidente que certas moções pulsionais não podem ser integradas no Ego, como objectos vivos, e terão como destino o terem que ser evacuadas sob a forma de *acting-out*. Diria que a característica essencial de toda a organização perversa é o facto de ter que ser exprimida por *acting-out*, cuja simbolização implícita no próprio conceito se não

faz correctamente, dando mesmo lugar a situações onde o desejo se encontra deturpado, quiçá fragmentado. Estou pensando aqui, não nas banais transgressões anatómicas ou de relação sado-masoquista participada, mas, sim, nas que chamarei grandes perversões, isto é, nas formas de *acting* criminoso, violento ou destrutivo.

A minha experiência com delinquentes, drogados ou graves caracteriais, faz-me crer que este é o verdadeiro mecanismo da perversão. Algo que está fora do Ego, e, portanto, não obedecendo ao princípio da realidade, tal como Glover o demonstrou, e cuja localização se situa dentro de um Super-Ego clivado, mal estruturado e, portanto, não obedecendo também ao sistema de controlo e de transformação das pulsões que assim, no *acting-out* perverso, se exprimem por vezes de maneira irreconhecível.

Tudo isto pressupõe uma perturbação primária da imagem do corpo que, de sujeito que é, se transforma em objecto parcial externalizado que virá a ser o verdadeiro «out» do *acting* perverso.

Queria trazer, a título de exemplo, o extracto de uma observação clínica, uma psicanálise que prossegui durante dois anos à razão de cinco sessões semanais.

Tratava-se de uma mulher que teria, na época, cerca de 60 anos. Tomei-a após uma certa hesitação, bem compreensível como veremos seguidamente.

Era uma mulher de qualidade superior, cuja vida era uma acumulação de sucessos profissionais e sociais.

Procurava a análise porque estava afectada de um grave problema de alcoolismo, que se tornava notado no seu meio socio-profissional. Esta mulher, que vivia num permanente estado de ilação, minorizava todo um passado infantil trágico.

Ao tomá-la, eu pensei que ela estava no início de uma depressão séria, relacionada com a próxima reforma e consequente afastamento do seu trabalho, que lhe trazia grandes gratificações, e que procurava não

me falar nisto. Também me falou ligeiramente na sua tragédia infantil.

Era uma filha única ilegítima, entregue pela mãe, logo a seguir ao parto, a uma comunidade conventual católica. Sem ter acesso a qualquer imagem masculina, revelou cedo uma precocidade intelectual extraordinária.

Os seus estudos foram uma acumulação de sucessos, como os cargos profissionais que lhe sucederam, tornando-a rapidamente uma figura importante e prestigiada. A sua vida, como não poderia deixar de ser, era destinada à protecção social da mulher. Tornou-se rapidamente uma importante peça do movimento feminista internacional. Não obstante, não mostra interesse algum pelo género masculino. Teve, em certa altura da sua vida, uma aventura com um homem importante que lhe fez um filho.

Este filho, que me pareceu ser o seu único objecto de amor, tinha, na época da análise que fizemos, exactamente a minha idade. Foi a segunda razão porque a tomei em análise, porquanto disse a mim próprio que, através de um *transfert* do filho, que, com toda a probabilidade, se processaria no tratamento, eu poderia refazer e reconstituir a imagem do pai. De facto, assim foi desde o início. Através de *transfert* aparentemente negativo, onde ela procurava mostrar-me a minha incompetência e inépcia juvenil, além das habituais acusações anti-homens que fazem todas as feministas, eu senti uma intenção afectiva de educar um filho: o seu filho, um filho sem pai; ela própria tomava em mão todos os papéis possíveis: era o filho que projectava sobre mim, era simultaneamente o pai e o marido do filho.

De facto, durante largo tempo, a analisanda escondeu-me que tinha um amante, relação regular, e que este amante era um médico: o papel de mulher e o assumir da sua feminilidade era uma coisa que lhe parecia impossível. Entretanto, a nossa relação torna-se mais amigável. Ela «bebe» literalmente as minhas palavras e assimila

qualquer interpretação com espantosa clareza e *insight*. O que provoca do meu lado uma vigilância maior e uma parcimónia interpretativa mais marcada.

Esta mudança do sentido do *transfert* traduziu-se, de resto, por um facto objectivo. A análise processava-se em francês desde o início. Em certo momento, ela pergunta-me se eu falava espanhol, que era a sua língua materna. À minha resposta afirmativa, ela começa a dirigir-se-me naquela língua, o que lhe permitia dois tipos de aproximação comigo: no primeiro começa a tratar-me por tu (como é habitual em espanhol). Segundo, começa a falar-me o idioma que usava «exclusivamente» (vim depois a compreendê-lo) com o filho. De resto, profissional ou socialmente, falava francês ou inglês por hábito, dizia.

Pôde, nesta altura, explicitar-me a sua relação erótica com os homens: reduzia-se à prática constante da felação. O homem era sistematicamente tratado como uma mulher, a mãe provavelmente com quem ela, de resto, mantinha uma hostilidade ancestral e que, na altura, me pareceu definitiva.

Portanto, até aqui, nem no alcoolismo, nem no lesbianismo, nem na prática da sexualidade, eu via uma perversão. As coisas pareciam-me logicamente encadeadas, e a estrutura psíquica quase exclusivamente organizada à base da oralidade, explicava-me quase tudo da sua estrutura neurótica.

Neste momento, porém, qualquer coisa sucede: uma noite, após a relação sexual, ela parte pelo fundo uma garrafa de uísque e tenta, com o vidro assim afiado, emascular o seu amante. A intenção era de o matar em seguida.

Devo confessar que, nesta altura, eu tive medo também. Senti que estava sobre o *acting* perverso por excelência tal como o conhecia, e que já tinha visto em delinquentes assassinos e que, mais tarde, vim a reencontrar em drogados, heroinómanos de preferência. A cena dramática acaba com o

homem dominando pela força completamente a mulher, a quem administra uma violenta sova.

Na descrição da cena, a analisanda descreve-me um particular estado mental que me fez associar com as considerações de Freud no texto «Uma Perturbação da Memória em Frente da Acrópole». Noutros termos, uma verdadeira perturbação da sua imagem corporal. Eu resolvi não analisar o *acting-out*. No entanto, este significava profundamente um impulso suicidário, onde a paciente teria querido cortar o seu próprio pescoço. Isto porque, há tempos, tinha compreendido — e de tal já fiz alusão — que a analisanda tinha, como base energética do seu corpo, um órgão sexual masculino. Daqui tinha partido e se tinha organizado todo o seu sistema de identificação e de pseudo-relacionamento com os outros.

Uma revelação deste conteúdo pulsional teria demolido de forma completamente penosa a construção de uma personalidade profissional e social que a analisanda tinha conseguido durante toda a sua vida. Teria sido provavelmente o encorajamento ao suicídio com a solução da sua complexa problemática. Este ponto, permito-me insistir nele, é extremamente corrente com todas as organizações perversas e explica a grande percentagem de suicídio destas situações. A tentativa de assassinato, neste cenário montado pela paciente, é a usual nos grandes perversos que se suicidam em seguida

ao *acting-out*, ou que encarregam disso a polícia, fazendo-se identificar e, nos países em que ela vigora, sujeitar-se à pena de morte. O nosso caso pode encarar-se, na fantasia de emasculação do homem, a um problema de fetichismo ao contrário.

Não quero alongar mais a minha exposição, que tinha como principal objectivo formular em termos metapsicológicos uma teoria que, a meu ver, se pode aplicar a todas as perversões, mesmo aquelas que, pela sua banalidade e generalização, são património de todos nós.

A nossa cliente fez, em seguida a este *acting-out*, uma longa e grave depressão, esta já com um íntimo contacto com o seu analista, e que se resolveu após um episódio assaz estranho. Aproveitando a minha ausência para férias, a cliente, sem nada me dizer, internou-se numa clínica psiquiátrica com o pretexto de se libertar do álcool. Nesta clínica, onde praticavam umas ligeiras curas de sono, a doente acordou de uma delas completamente embrulhada nas suas próprias fezes, que também tentava comer.

Este cenário marcou o fim da análise porquanto a cliente, no meu regresso, veio declarar-me que tinha compreendido, finalmente, tudo o que eu teria querido dizer-lhe durante o tempo que trabalhámos juntos.

A título informativo posso afirmar que jamais, explicitamente, eu lhe teria falado de analidade.